

O SÍMBOLO
PERDIDO

DAN BROWN

O SÍMBOLO PERDIDO

Tradução de
CARLOS PEREIRA
ESTER CORTEGANO
FERNANDA OLIVEIRA
MARTA TEIXEIRA PINTO



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2009

Título original: *The Lost Symbol*

Autor: Dan Brown

© Dan Brown 2009

Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa,
excepto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1

1500-499 Lisboa

Telefone: 21 762 60 00

Fax: 21 762 61 50

Correio electrónico: editora@bertrand.pt

Revisão: Miguel Batista

Revisão técnica: Salvato Telles de Menezes

Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.

Impressão e acabamento: GPP Arvato, Alemanha

Depósito legal n.º 300 842/09

Acabou de imprimir-se em Outubro de 2009

ISBN: 978-972-25-2014-0

PARA BLYTHE

A g r a d e c i m e n t o s

O meu profundo obrigado a três queridos amigos com quem tenho o privilégio de trabalhar: o meu editor, Jason Kaufman; a minha agente, Heide Lange; e o meu advogado, Michael Rudell. Além disso, gostaria de expressar a minha imensa gratidão à Doubleday, a todas as editoras que me publicam por esse mundo fora e, é claro, aos meus leitores.

Este romance não poderia ter sido escrito sem a generosa ajuda de inúmeros indivíduos que partilharam comigo o seu conhecimento e competência. Estendo o meu mais profundo apreço a todos vós.

Viver no mundo sem ter a consciência do significado desse mesmo mundo é como deambular por uma enorme biblioteca sem tocar nos livros.

The Secret Teachings of All Ages

FACTO:

Em 1991 foi guardado um documento no cofre do director da CIA. O documento ainda hoje lá se encontra. O seu texto críptico inclui referências a um portal antigo e a um local desconhecido no subsolo. O documento também contém a frase: «*Está enterrada por aí, algures.*»

Todas as organizações referidas neste romance existem na realidade, incluindo a Franco-Maçonaria, o Invisible College, o Office of Security, o SMSC (Smithsonian Museum Support Center) e o Institute of Noetic Sciences.

Todos os rituais, ciências, obras de arte e monumentos referidos neste romance são reais.

Prólogo

Casa do Templo

20:33

O segredo *é saber morrer.*

Desde o início dos tempos que o segredo fora sempre saber morrer.

O iniciado de trinta e quatro anos olhou para baixo, para o crânio humano que segurava na palma das mãos. O crânio era oco, como uma tigela, cheio de vinho cor de sangue.

Bebe-o, disse para consigo. *Não tens nada a temer.*

Tal como era tradição, começara esta viagem iniciática com o traje ritualista de um herege medieval a ser levado para o cadafalso, com a camisa larga aberta revelando o peito pálido, a perna esquerda das calças enrolada até ao joelho e a manga direita enrolada até ao cotovelo. Do pescoço pendia-lhe uma corda pesada com um nó corredio — um «cordão», como a irmandade lhe chamava. No entanto, esta noite, tal como os irmãos que serviam de testemunhas, estava paramentado como um mestre.

Na assembleia de irmãos que o rodeava, todos estavam adornados com o esplendor dos seus aventais de pele de cordeiro, insígnias e luvas brancas. Do pescoço pendiam-lhes as jóias cerimoniais, que brilhavam como olhos fantasmagóricos à luz velada. Muitos daqueles homens detinham lugares de poder no dia-a-dia, e contudo o iniciado sabia que a sua posição mundana não significava nada dentro daquelas paredes. Ali, todos os homens eram iguais, irmãos por juramento, e partilhavam uma ligação mística.

Ao passar em revista aquela assembleia intimidante, o iniciado perguntou a si mesmo quem é que, lá fora, alguma vez acreditaria que aqueles homens se reuniam no mesmo lugar... muito menos *naquele* lugar. A sala assemelhava-se a um santuário sagrado do Mundo Antigo.

No entanto, a verdade era ainda mais estranha.

Estou apenas a alguns quarteirões da Casa Branca.

Aquele edifício colossal, localizado no número 1733 da Sixteenth Street NW, em Washington D.C., era uma réplica de um templo pré-cristão — o templo do Rei Mausolo, o *mausoléu* original... um lugar a ser ocupado depois da morte. Do lado de fora da entrada principal, duas esfinges de quinze toneladas guardavam as portas de bronze. O interior era um intricado labirinto de câmaras de rituais, corredores, subterrâneos fechados, bibliotecas e até uma parede oca que albergava os restos mortais de dois corpos humanos. Tinham dito ao iniciado que todos os aposentos daquele edifício guardavam um segredo, e contudo ele sabia que nenhum deles albergava segredos mais profundos do que a imensa câmara onde agora se ajoelhava com um crânio na palma das mãos.

A Sala do Templo.

Aquela sala era um quadrado perfeito e cavernoso. O tecto elevava-se a uns impressionantes trinta metros de altura, apoiado por colunas monolíticas de granito verde. À volta da sala havia uma arquibancada feita de cadeiras de noqueira russa estofadas com pele de porco trabalhada à mão. Um trono com dez metros de altura¹ dominava a parede ocidental, com um órgão de tubos dissimulado mesmo em frente. As paredes eram um caleidoscópio de símbolos antigos... egípcios, hebraicos, astronómicos, alquímicos e outros ainda desconhecidos.

Esta noite, a Sala do Templo estava iluminada por uma série de velas dispostas com precisão. A sua luz ténue só era reforçada pelos pálidos raios de luar que entravam pelo óculo aberto que havia no tecto e iluminavam a peça mais surpreendente da sala — um altar enorme talhado num grande bloco polido de mármore negro proveniente da Bélgica, situado mesmo no centro da câmara quadrada.

O segredo é saber morrer, recordou o iniciado.

— Está na hora — sussurrou uma voz.

O iniciado deixou que o seu olhar subisse pela figura trajada de branco que se perfilava à sua frente. *O Soberano Grande Comendador*. O homem de cinquenta e muitos anos era um ícone americano, uma pessoa muito querida, resoluta e incalculavelmente rica. O cabelo outrora escuro começava a ficar grisalho, e o seu famoso rosto reflectia uma vida de poder e um intelecto vigoroso.

¹ O equivalente a trinta e três pés, número que se reveste de particular importância na simbologia maçónica e que será referido de forma recorrente noutros pontos do livro, pelo que se decidiu incluir esta nota, apesar da conversão métrica efectuada. (N. de T.)

— Presta o juramento — disse o Soberano Grande Comendador numa voz suave como neve a cair. — Completa a tua viagem.

A viagem iniciática, como todas as viagens desse género, começara no primeiro grau. Nessa noite, num ritual semelhante a este, o Venerável Mestre tinha-o vendado com uma faixa de veludo e encostara a espada cerimonial ao seu peito nu, perguntando: «Declara sinceramente pela sua honra que é sem o menor constrangimento, curiosidade ou influenciado por sugestões de inimigos da Ordem que se propôs candidato aos mistérios e privilégios desta Fraternidade?»

«Sim», mentira o candidato.

«Então, que isto seja um tormento para a sua consciência», advertira-o o Mestre, «assim como uma morte instantânea, se alguma vez trair os segredos que lhe irão ser confiados.»

Na altura, o iniciado não sentira medo. *Nunca saberão qual é o meu verdadeiro propósito.*

Mas esta noite sentia uma solenidade agourenta na Sala do Templo, e a sua mente começou a recapitular todos os lúgubres avisos que lhe tinham sido feitos durante a sua viagem, ameaças de consequências terríveis, se alguma vez partilhasse os segredos antigos que estava prestes a conhecer: *Garganta cortada de orelha a orelha... língua arrancada pela raiz... entranhas extirpadas e queimadas... espalhadas aos quatro ventos do céu... coração arrancado e dado a comer aos animais do campo...*

— Irmão — disse o Mestre de olhos cinzentos colocando a sua mão esquerda sobre o ombro do iniciado. — Presta o juramento final.

Enchendo-se de coragem para o último passo da sua viagem, o iniciado rodou o tronco musculado e voltou a concentrar a sua atenção no crânio que segurava nas mãos. O vinho carmesim parecia quase negro sob a ténue luz das velas. A câmara mergulhara num silêncio mortal, e ele conseguia sentir todas as testemunhas de olhos postos nele, à espera de que fizesse o juramento final e se juntasse às suas fileiras de elite.

Esta noite, pensou ele, está a suceder uma coisa dentro destas paredes que nunca aconteceu antes na história desta irmandade. Nem uma única vez em séculos de existência.

Ele sabia que seria a centelha... e que lhe daria um poder incomensurável. Estimulado, tomou fôlego e disse em voz alta as mesmas palavras que inúmeros homens haviam dito antes dele em países de todo o mundo.

— *Que esta bebida se torne um veneno mortal para mim... se alguma vez violar consciente ou premeditadamente o meu juramento.*

As suas palavras ecoaram no espaço vazio.

Depois ficou apenas o silêncio.

Firmando as mãos, o iniciado levantou o crânio até à boca e sentiu os lábios tocarem no osso seco. Fechou os olhos e inclinou o crânio, bebendo o vinho em golos lentos e profundos. Desaparecida a última gota, baixou o crânio.

Por um instante pareceu-lhe sentir os pulmões contraírem-se e o seu coração começou a bater descompassadamente. *Meu Deus, eles sabem!* Depois, a sensação passou tão rapidamente quanto surgira.

Sentiu o corpo ser percorrido por um calor agradável. O iniciado suspirou, sorrindo interiormente enquanto olhava para o homem de olhos cinzentos, que não desconfiava de nada e que tão insensatamente o admitira nas fileiras mais secretas daquela irmandade.

Em breve perderás aquilo que te é mais querido.

CAPÍTULO 1

O elevador *Otis* que subia o pilar sul da Torre Eiffel transbordava de turistas. Dentro do atravancado ascensor, um homem de negócios austero, num fato impecável, olhou para o rapaz que ia ao seu lado.

— Estás pálido, filho. Devias ter ficado lá em baixo.

— Eu estou bem — respondeu o rapaz, esforçando-se por controlar a ansiedade. — Saio na próxima paragem.

Não consigo respirar.

O homem inclinou-se mais para ele.

— Por esta altura pensei que já tivesses conseguido ultrapassar isso — disse, acariciando afectuosamente o rosto do filho.

O rapaz sentiu vergonha por ter desiludido o pai, mas quase nem conseguia ouvir, tal era o zunido que sentia nos ouvidos. *Não consigo respirar. Tenho de sair desta caixa!*

O ascensorista estava a dizer qualquer coisa tranquilizadora sobre os pistões articulados e a construção em ferro do elevador. Lá muito em baixo, as ruas de Paris estendiam-se em todas as direcções.

Estamos quase a chegar, disse o rapaz para consigo, esticando o pescoço e olhando lá para cima, para a plataforma de saída. *Aguenta-te.*

Enquanto o elevador subia a pique em direcção ao varandim superior, o poço começou a ficar mais estreito, com os seus grandes esteios a contraírem-se num túnel vertical bem apertado.

— Pai, não me parece...

De repente ouviu-se um estalido surdo em cima. A cabina sacolejou, inclinando-se bruscamente para um dos lados. Cabos esfiapados começaram a atingi-la, contorcendo-se como cobras. O rapaz aproximou-se do pai.

— Pai!

Fitaram-se durante um segundo aterrador.

Depois, o fundo do elevador abateu.

Robert Langdon deu um salto e endireitou-se no banco de pele macia, arancado do seu devaneio semiconsciente. Estava sentado sozinho na enorme

cabina de um jacto comercial *Falcon 2000EX*, enquanto este ia vencendo a turbulência. Ouvia-se o trabalhar regular dos dois motores *Pratt & Whitney* como barulho de fundo.

«Senhor Langdon?», crepitou o intercomunicador por cima dele. «Vamos fazer a aproximação à aterragem.»

Langdon endireitou-se e guardou as notas da conferência no saco de cabedal. Ia sensivelmente a meio da revisão da simbologia maçónica, quando a sua mente começara a divagar. Langdon suspeitava que o sonho com o seu falecido pai tinha sido suscitado pelo inesperado convite matinal do seu mentor de longa data, Peter Solomon.

O outro homem que eu nunca quero desiludir.

O filantropo, historiador e cientista de cinquenta e oito anos tinha tomado Langdon sob a sua protecção há quase trinta anos, preenchendo em muitos aspectos o vazio deixado pela morte do seu pai. Apesar da sua influente dinastia familiar e da sua enorme fortuna, Langdon encontrara humildade e afecto nos serenos olhos cinzentos de Solomon.

Do lado de fora da janela, o Sol já se pusera, mas Langdon ainda conseguia descortinar a silhueta esguia do maior obelisco do mundo, que se erguia no horizonte como a haste de um gnómon antigo. O obelisco de mármore, com cento e sessenta e nove metros de altura¹, marcava o centro daquela nação. A geometria meticulosa das ruas e monumentos parecia irradiar dessa haste.

Mesmo do ar, Washington D.C. patenteava um poder quase místico.

Langdon adorava a cidade e, quando o jacto aterrou, sentiu uma excitação crescente em relação ao que o esperava. O jacto deslizou ao longo da pista até um terminal privado, algures na vasta extensão do Aeroporto Internacional de Dulles, e imobilizou-se.

Langdon reuniu as suas coisas, agradeceu aos pilotos e saiu do luxuoso interior do jacto para a escada acoplada. O ar de Janeiro teve um efeito libertador.

Respira, Robert, pensou ele, apreciando o espaço aberto.

Um manto de neblina branca estendia-se ao longo da pista, e Langdon teve a sensação de pisar um pântano quando desceu para o asfalto mergulhado na névoa.

— Eh! Por favor! — gritou uma voz cantante com sotaque britânico do outro lado do asfalto. — Professor Langdon?

¹ Quinhentos e cinquenta e cinco pés, no original. (N. de T.)

Langdon levantou os olhos e viu uma mulher de meia-idade, com um crachá e uma prancheta com mola, a avançar apressadamente na sua direcção e a acenar alegremente à medida que ele se aproximava. O cabelo louro encaracolado saía-lhe de um chapéu de lã elegantemente tricotado.

— Bem-vindo a Washington!

Langdon sorriu.

— Obrigado.

— O meu nome é Pam, do serviço de apoio a passageiros. — A mulher falava com uma exuberância que era quase desconcertante. — Se vier comigo, o seu carro está à espera.

Langdon seguiu-a ao longo da pista até ao terminal VIP, que estava rodeado de jactos privados reluzentes. *Uma praça de táxis para os ricos e famosos.*

— Longe de mim embarçá-lo, professor — disse a mulher aparentando timidez —, mas o senhor é o Robert Langdon que escreve livros sobre símbolos e religião, não é?

Langdon hesitou e depois acenou com a cabeça.

— Bem me parecia! — disse ela, radiante. — O meu grupo de leitura anda a ler o seu livro sobre o sagrado feminino e a igreja! Mas que delicioso escândalo que esse livro provocou! Gosta mesmo de lançar achas para a fogueira!

Langdon sorriu.

— Não era minha intenção provocar um escândalo.

A mulher pareceu perceber que Langdon não estava com disposição para discutir o seu trabalho.

— Desculpe. Estou para aqui a falar sem parar. Sei que provavelmente está farto de ser reconhecido... mas a culpa é sua! — disse ela apontando alegremente para a roupa que ele usava. — O seu uniforme denunciou-o.

O meu uniforme? Langdon olhou de relance para o que trazia vestido: a habitual camisola de gola alta antracite, o casaco *Harris Tweed*, calças de caqui e mocassins... a indumentária normal para a sala de aula, circuito de palestras, fotografias de autor e eventos sociais.

A mulher riu-se.

— Essas camisolas de gola alta que usa são tão antiquadas. Ficava muito mais elegante de gravata!

Nem pensar, disse Langdon para consigo. *Nós corredios.*

Quando frequentava a Phillips Exeter Academy, Langdon era obrigado a usar gravata seis dias por semana e, apesar das alegações românticas do reitor de que a origem da gravata remontava à *fascalia* de seda usada pelos oradores romanos para aquecerem as cordas vocais, sabia que, etimologicamente,

cravat derivava na verdade de um bando cruel de mercenários «croatas» que punham lenços de pescoço atados com um nó antes de partirem para o combate. Até hoje, este antigo acessório de batalha continua a ser usado pelos modernos guerreiros do escritório, que esperam assim intimidar os seus inimigos nas batalhas travadas diariamente em salas de reuniões.

— Obrigado pelo conselho — disse Langdon com um riso abafado. — Vou pensar na hipótese de passar a usar gravata.

Misericordiosamente, um homem com um ar profissional, envergando um fato escuro, saiu de um *Lincoln Town Car* que estava estacionado junto ao terminal e levantou o dedo:

— Senhor Langdon? O meu nome é Charles, da Beltway Limousine — disse ele abrindo a porta do passageiro. — Boa noite. Bem-vindo a Washington.

Langdon gratificou Pam pela sua hospitalidade e depois subiu para o interior luxuoso do *Town Car*. O motorista mostrou-lhe os controlos da temperatura, a água mineral e o cesto de *muffins* quentes. Segundos mais tarde, Langdon afastava-se a toda a velocidade numa estrada de acesso privado. *Então é assim que vive a outra metade.*

Ao mesmo tempo que subia a Windsock Drive, o motorista consultou o manifesto de passageiros e fez um telefonema rápido. «Pediram-me que confirmasse, assim que o meu passageiro aterrasse.» Fez uma pausa. «Sim, senhor. O seu convidado, o senhor Langdon, já chegou e vou deixá-lo no Capitólio por volta das dezanove horas. Não tem de quê.» Desligou.

Langdon foi obrigado a sorrir. *Não se poupava a esforços.* A atenção de Peter Solomon aos pormenores era um dos seus mais poderosos trunfos, permitindo-lhe gerir o seu substancial poder com aparente facilidade. *Alguns milhares de milhões de dólares no banco também não faziam mal a ninguém.*

Langdon instalou-se no luxuoso banco estofado de pele e fechou os olhos, enquanto o barulho do aeroporto se ia tornando cada vez mais indistinto. O Capitólio ficava a meia hora de distância, e ele aproveitou o tempo sozinho para pôr os pensamentos em ordem. Tinha acontecido tudo tão rapidamente naquele dia que só agora Langdon começara a pensar seriamente na noite incrível que tinha pela frente.

Chegar sob um véu de secretismo, pensou Langdon, divertido com a perspectiva.

A dezasseis quilómetros do Capitólio, uma figura solitária preparava-se ansiosamente para a chegada de Robert Langdon.

CAPÍTULO 2

Aquele que se auto-intitulava Mal'akh pressionou a ponta da agulha contra a cabeça rapada, suspirando de prazer enquanto o instrumento afiado mergulhava na sua carne e saía. O suave zumbido do aparelho eléctrico era viciante... tal como a picada da agulha que penetrava fundo na sua derme e aí depositava a tinta.

Eu sou uma obra-prima.

O objectivo das tatuagens nunca era a beleza. O objectivo era a *mudança*. Dos sacerdotes núbios escarificados de 2000 a.C. aos acólitos tatuados do culto de Cibele na Roma Antiga e às cicatrizes *moko* dos maoris modernos, os seres humanos sempre se tatuaram como forma de oferecerem os seus corpos em sacrifício parcial, suportando a dor física do embelezamento e emergindo como seres mudados.

Apesar das sinistras advertências do Levítico 19:28, que proibia a marcação da própria carne, as tatuagens tinham-se tornado um rito de passagem partilhado por milhões de pessoas na era moderna — por toda a gente, de adolescentes apurados a consumidores de drogas duras, passando por donas de casa suburbanas.

O acto de tatuar a própria pele era uma declaração de poder transformador, um anúncio ao mundo: *Eu controlo a minha própria carne*. A sensação inebriante de controlo derivada da transformação física tinha viciado milhões nas práticas de alteração do corpo: cirurgia estética, *piercings*, musculação e esteróides... até bulimia e transexualismo. *O espírito humano almeja o domínio sobre o seu invólucro carnal.*

Um único carrilhão deu as horas no relógio da sala de Mal'akh, e este olhou para cima. Dezoito e trinta. Largando os seus instrumentos, enrolou o roupão de seda de Kiryu à volta do seu corpo nu, com um metro e oitenta e três de altura, e desceu o corredor. O ar dentro da desleixada mansão estava carregado da fragrância pungente das tintas da sua pele e do fumo das velas de cera de abelha que ele usava para esterilizar as agulhas. O homem jovem e alto desceu o corredor passando por antiguidades italianas valiosíssimas —

uma água-forte de Piranesi, uma cadeira Savonarola, uma lamparina de azeite Bugarini de prata.

Ao passar, espreitou através de uma janela que ia do chão ao tecto, admirando a linha do horizonte ao longe. A cúpula luminosa do Capitólio brilhava com um poder solene contra o céu escuro e invernoso.

É aqui que está escondida, pensou. Está enterrada por aí, algures.

Poucos eram os homens que sabiam da sua existência... e ainda menos os que conheciam o seu incrível poder ou a forma engenhosa como fora escondida. Os poucos que sabiam a verdade mantinham-na escondida atrás de um véu de símbolos, lendas e alegorias.

Agora abriam-me as portas, pensou Mal'akh.

Três semanas antes, num ritual misterioso testemunhado pelos homens mais influentes da América, Mal'akh ascendera ao trigésimo terceiro grau, o escalão mais alto da irmandade mais antiga do mundo. Apesar do novo estatuto de Mal'akh, os irmãos não lhe tinham dito nada. *Nem diriam.* Ele sabia que não era assim que funcionava. Havia círculos dentro de círculos... irmandades dentro de irmandades. Mesmo que Mal'akh esperasse durante anos, era capaz de nunca vir a conquistar a sua total confiança.

Felizmente não precisava dessa confiança para obter o seu segredo mais insondável.

A minha elevação serviu o seu propósito.

Agora, estimulado pelo que o esperava, dirigiu-se a passos largos para o quarto. Havia altifalantes espalhados por toda a casa que transmitiam os tons arrepiantes de um raro registo de um *castrato* a cantar a «Lux Aeterna» do *Requiem* de Verdi — a recordação de uma vida anterior. Mal'akh tocou num controlo remoto para ouvir o atoador «Dies Irae». Depois, com um fundo de timbales e quintas paralelas, galgou a escadaria de mármore com o roupão a ondular, subindo-a com as suas pernas musculadas.

Enquanto corria, o seu estômago vazio roncou em protesto. Há dois dias que Mal'akh jejuava, ingerindo apenas água, preparando o corpo segundo práticas antigas. *A tua fome será mitigada ao amanhecer,* recordava a si próprio. *Juntamente com a tua dor.*

Mal'akh entrou no santuário do seu quarto com reverência, trancando a porta atrás de si. Ao dirigir-se para a área de vestir, parou, sentindo-se atraído pelo enorme espelho emoldurado a ouro. Incapaz de resistir, virou-se e enfrentou o seu reflexo. Lentamente, como que desembulhando um presente precioso, Mal'akh abriu o roupão para revelar a sua silhueta nua. O que viu deixou-o impressionado.

Eu sou uma obra-prima.

O seu corpo maciço estava depilado e macio. Primeiro baixou o olhar para os pés, que estavam tatuados com as patas e garras de um falcão. Por cima disso, as suas pernas musculadas estavam tatuadas como pilares esculpidos — a perna esquerda em espiral e a direita com estrias verticais. *Boaz e Jacobin*¹. As virilhas e o abdómen formavam uma abóbada trabalhada por cima da qual o peito poderoso estava brasonado com a fénix bicéfala. Cada uma delas, de perfil, com o seu olho visível formado por um dos mamilos de Mal'akh. Os ombros, pescoço, rosto e cabeça rapada estavam completamente cobertos por uma tapeçaria intrincada de símbolos e sigilos antigos.

Eu sou um artefacto... um ícone em desenvolvimento.

Dezoito horas antes, um mortal vira Mal'akh nu. O homem gritara de medo: «Meu Deus, é um demónio!»

«Se é assim que me vê», replicara Mal'akh, compreendendo, como os antigos, que anjos e demónios eram idênticos — arquétipos intermutáveis —, era tudo uma questão de polaridade: o anjo da guarda que vencia o inimigo na batalha era visto pelo inimigo como um demónio destrutivo.

Mal'akh inclinou o rosto para baixo e conseguiu uma visão oblíqua do topo da cabeça. Aí, no meio do halo parecido com uma coroa, brilhava um pequeno círculo de pele branca por tatuar. Aquela tela cuidadosamente guardada era a única parcela de pele virgem que restava a Mal'akh. O espaço sagrado aguardava pacientemente e naquela noite seria preenchido. Embora Mal'akh ainda não possuísse aquilo de que precisava para completar a sua obra-prima, sabia que o momento se aproximava rapidamente.

Entusiasmado com o seu reflexo, já quase conseguia sentir o seu poder a crescer. Fechou o roupão e foi até à janela, olhando novamente para a cidade mística à sua frente. *Está enterrada por aí, algures.*

Voltando a concentrar-se na tarefa em mãos, Mal'akh foi até ao toucador e aplicou cuidadosamente uma base de maquilhagem correctora no rosto, couro cabeludo e pescoço até as tatuagens terem desaparecido. Depois vestiu o conjunto especial e outras peças que preparara meticulosamente para aquela noite. Quando acabou, olhou-se ao espelho para ver como estava. Satisfeito, passou a palma da mão macia pelo couro cabeludo liso e sorriu.

¹ Colunas existentes à entrada do templo de Salomão e que são colocadas à entrada dos templos maçónicos. (N. de T.)

Está por aí, pensou. E esta noite há um homem que me vai ajudar a encontrá-la.

Quando Mal'akh saiu de casa, preparou-se para o acontecimento que em breve iria abalar o Capitólio. Não tinha poupado esforços a tratar de todos os pormenores para aquela noite.

E agora, finalmente, o seu último peão entrara em jogo.

Robert Langdon estava ocupado a rever as suas notas, quando o zumbido dos pneus do carro mudou na estrada por baixo dele. Langdon olhou de relance, surpreendido por ver onde estavam.

Já na Memorial Bridge?

Pousou as notas e olhou para as águas calmas do Potomac, que passava lá em baixo. Pairava um nevoeiro cerrado à superfície. «Foggy Bottom» sempre parecera um lugar peculiar para construir a capital da nação. De todos os lugares do Novo Mundo, os antepassados tinham escolhido uma margem lodososa e húmida para aí colocarem a pedra angular da sua sociedade utópica.

Langdon olhou para a esquerda, para o outro lado da Tidal Basin, em direcção à silhueta graciosamente arredondada do Jefferson Memorial — o Panteão da América, como muitos lhe chamavam. Mesmo em frente do carro, o Lincoln Memorial perfilava-se com uma austeridade rígida, as suas linhas octogonais a fazerem lembrar as do antigo Pártenon de Atenas. Mas foi ainda mais longe que Langdon viu o monumento principal da cidade — o mesmo pináculo que vira do ar. A sua inspiração arquitectónica era muito, mas muito mais antiga do que os Romanos ou os Gregos.

O obelisco egípcio da América.

O pináculo monolítico do Washington Monument começava a desenhar-se ao longe, recortando-se iluminado na linha do horizonte como o mastro majestoso de um navio. Do ângulo em que Langdon o via, o obelisco, naquela noite, parecia não estar ligado à terra, oscilando no céu desolador como se estivesse em mar revolto. Langdon também se sentia assim. A sua visita a Washington tinha sido totalmente inesperada. *Acordei esta manhã a contar com um domingo calmo em casa... e agora estou a poucos minutos do Capitólio.*

Naquela manhã, às quatro e quarenta e cinco, Langdon mergulhara em águas calmas, começando o dia como sempre fazia, a nadar dois mil e quinhentos metros na piscina de Harvard, totalmente deserta. O seu físico já não estava bem como nos tempos em que andava na universidade e jogava pólo aquático, mas ainda era magro e tonificado, bastante bom para um quarentão.

A única diferença agora era o esforço que Langdon tinha de despender para o manter assim.

Quando Langdon chegara a casa, por volta das seis, começou o seu ritual matinal de moer à mão os grãos de café de Samatra e apreciar o aroma exótico que lhe enchia a cozinha. No entanto, naquela manhã ficara surpreendido ao ver a luz vermelha do seu correio de voz a piscar. *Quem é que telefona às seis da manhã de um domingo?* Premiu o botão e escutou a mensagem.

«Bom dia, professor Langdon, peço imensa desculpa por telefonar a esta hora da manhã.» A voz educada estava visivelmente hesitante, deixando adivinhar um vago sotaque sulista. «O meu nome é Anthony Jelbart, e sou o assistente do Peter Solomon. O senhor Solomon disse-me que é madrugador. Ele tem estado a tentar contactá-lo com urgência esta manhã. Assim que receber esta mensagem, teria a amabilidade de telefonar directamente ao Peter? Provavelmente tem o seu novo número privado, mas, caso não tenha, é o 202-329-5746.»

Langdon ficou subitamente preocupado com o seu velho amigo. Peter Solomon era irrepreensivelmente bem-educado e cortês. Seguramente não era o género de pessoa para telefonar ao raiar do dia, num domingo, a não ser que houvesse algum problema grave.

Langdon deixou o café meio feito e dirigiu-se apressadamente ao gabinete de trabalho para retribuir o telefonema.

Espero que ele esteja bem.

Peter Solomon tinha sido, para ele, um amigo, mentor e figura paternal, embora tivesse apenas mais doze anos do que Langdon, desde o seu primeiro encontro na Universidade de Princeton. Enquanto estudante do segundo ano, Langdon tivera de ir a uma conferência ao fim do dia que tinha como orador convidado o jovem e conhecido historiador e filantropo. Solomon tinha falado com uma paixão contagiante, apresentando uma visão deslumbrante da semiótica e da história arquetípica, o que despertara em Langdon aquilo que mais tarde se transformaria na paixão por símbolos de toda uma vida. No entanto, não tinha sido o brilhantismo de Peter Solomon, mas antes a humildade dos seus serenos olhos cinzentos que tinha dado coragem a Langdon para lhe escrever uma carta de agradecimento. O jovem segunda-nista nunca sonhara que Peter Solomon, um dos intelectuais mais ricos e intrigantes da América, alguma vez lhe respondesse. Mas foi o que Solomon fez. E isso tinha sido o início de uma amizade verdadeiramente gratificante.

Académico eminente cuja discreta maneira de ser desmentia o seu colossal património, Peter Solomon descendia da ultra-abastada família Solomon,

cujo nome aparecia em edifícios e universidades por todo o país. Tal como os Rothschilds na Europa, o apelido Solomon sempre carregara a mística da realeza e do sucesso americanos. Peter herdara o manto muito jovem, após a morte do pai, e agora, aos cinquenta e oito anos, já detivera inúmeros cargos de poder na sua vida. Actualmente era director da Smithsonian Institution. De vez em quando, Langdon arreliaava Peter dizendo-lhe que a única mancha nos seus notáveis antecedentes era o diploma de uma universidade de segunda — Yale.

Agora, ao entrar no seu gabinete de trabalho, Langdon ficou surpreendido ao ver que também recebera um fax de Peter.

Peter Solomon

GABINETE DO SECRETÁRIO
SMITHSONIAN INSTITUTION

Bom dia, Robert,

Preciso de falar contigo imediatamente.
Por favor, telefona-me esta manhã, assim
que puderes, para o 202-329-5746.

Peter

Langdon marcou imediatamente o número, sentando-se à secretária de carvalho entalhada à mão, à espera de que a ligação se fizesse.

— Gabinete de Peter Solomon — atendeu a voz familiar do assistente. — Daqui fala Anthony. Em que posso ajudar?

— Olá, o meu nome é Robert Langdon. Deixou-me há pouco uma mensagem...

— Sim, professor Langdon! — O homem parecia aliviado. — Obrigado por telefonar tão rapidamente. O senhor Solomon está ansioso por falar consigo. Deixe-me só dizer-lhe que está em linha. Posso pô-lo em espera?

— Claro.

Enquanto Langdon esperava que Solomon entrasse em linha, olhou para o nome de Peter no cimo do papel timbrado da Smithsonian Institution e foi obrigado a sorrir. *Não há muitos mandriões no clã Solomon. A árvore genealógica*

de Peter estava cheia de nomes de magnatas de negócios riquíssimos, políticos influentes e uma série de cientistas notáveis, alguns dos quais até eram membros da Royal Society de Londres. Katherine, a irmã mais nova de Solomon e o único familiar que lhe restava, tinha herdado, ao que parecia, o gene da ciência, pois era agora uma figura destacada de uma nova disciplina revolucionária chamada ciência noética.

Para mim, aquilo é grego, pensou Langdon, divertido ao recordar a tentativa frustrada de Katherine de lhe explicar a ciência noética numa festa em casa do irmão, no ano anterior. Langdon escutara cuidadosamente e depois replicara: «Parece mais magia do que ciência.»

Katherine piscara-lhe o olho, a brincar. «São mais parecidas do que imagina, Robert.»

O assistente de Solomon voltou ao telefone.

— Desculpe, o senhor Solomon está a tentar livrar-se de uma chamada em conferência. Esta manhã, as coisas por aqui estão um pouco caóticas.

— Não há problema. Eu posso voltar a ligar.

— Na verdade, ele pediu-me que o pusesse ao corrente da razão do seu telefonema, se não se importar?

— É claro que não.

O assistente inspirou profundamente.

— Como provavelmente saberá, professor, todos os anos, aqui em Washington, a direcção da Smithsonian realiza uma gala privada para agradecer aos nossos apoiantes mais generosos. Vêm sempre muitas pessoas que pertencem à elite cultural do país.

Langdon sabia que a sua conta bancária não tinha zeros suficientes para ele ser considerado elite cultural, mas pensou que, apesar disso, talvez Solomon o fosse convidar para estar presente.

— Este ano, como de costume — prosseguiu o assistente —, o jantar será precedido de uma palestra de abertura. Tivemos a sorte de conseguir o National Statuary Hall para esse discurso.

A melhor sala de Washington D.C., pensou Langdon, recordando uma conferência sobre política a que assistira em tempos nesse espaço semicircular de grande efeito dramático. Era difícil esquecer as quinhentas cadeiras articuladas dispostas num arco perfeito, rodeadas por trinta e oito estátuas em tamanho real, numa sala que servira outrora como a primeira Câmara dos Representantes da nação.

— O problema é o seguinte — disse o homem. — A nossa oradora adoeceu e acabou de nos informar que não vai poder fazer o discurso. — Fez

uma pausa embaraçada. — Isto significa que estamos desesperados por encontrar um orador que a substitua. E o senhor Solomon está esperançado em que o professor o possa fazer.

Langdon reagiu com surpresa.

— Eu? — Não era de nada disto que ele estava à espera. — Tenho a certeza de que o Peter podia encontrar um substituto muito melhor.

— É a primeira escolha do senhor Solomon, professor, e está a ser demasiado modesto. Os convidados desta instituição iam ficar muito entusiasmados por terem a oportunidade de o ouvir. O senhor Solomon pensou que podia dar a mesma palestra que deu na Bookspan TV há uns anos. Dessa forma, não teria de preparar nada. Ele disse que envolvia o simbolismo na arquitectura da capital da nação... parece ser absolutamente perfeito para a ocasião.

Langdon não tinha tanta certeza.

— Se bem me lembro, essa palestra tinha mais a ver com a história da construção maçónica do que com...

— Exactamente! Como sabe, o senhor Solomon é maçom, tal como muitos dos seus amigos de profissão que estarão presentes. Tenho a certeza de que eles irão adorar ouvi-lo falar sobre esse tema.

Admito que seria fácil. Langdon guardara as notas de todas as palestras que dera.

— Creio que podia considerar essa possibilidade. Em que data é o evento? O assistente pigarreou, parecendo subitamente incomodado.

— Bem, na verdade é hoje à noite.

Langdon soltou uma gargalhada.

— Hoje à noite?

— É por isso que as coisas andam tão agitadas por aqui esta manhã. A Smithsonian Institution está numa situação profundamente embaraçosa...

— O assistente começou a falar de forma mais apressada. — O senhor Solomon está preparado para mandar um jacto privado a Boston para o ir buscar. O voo é de apenas uma hora, e o professor estaria de volta a casa antes da meia-noite. Conhece o terminal aéreo privado no aeroporto Logan, em Boston?

— Conheço — admitiu Langdon com alguma relutância. *Não admira que Peter consiga sempre o que quer.*

— Ótimo! Está disposto a ir apanhar aí o jacto, digamos... às cinco horas?

— Não me deixou grande alternativa, pois não? — riu-se Langdon.

— Só quero deixar o senhor Solomon feliz...

Peter tem este efeito nas pessoas. Langdon pensou durante um longo momento, não vendo outra saída.

— Está bem. Diga-lhe que está bem.

— Excelente! — exclamou o assistente, parecendo profundamente aliviado. Deu a matrícula do avião a Langdon e outra informação variada.

Quando Langdon finalmente desligou, ficou a pensar se Peter Solomon alguma vez teria obtido um «não» como resposta.

Voltando à preparação do seu café, Langdon pôs mais uns quantos grãos no moinho. *Um bocadinho de caféina extra esta manhã, pensou. Vai ser um dia longo.*